SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXIX
JANEIRO
DE 1973
N.º 333

Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga · REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rev. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA 3 — Telef.: 636607

NO 28.º ANIVERSÁRIO

O aniversário do início da publicação do nosso mensário marca um momento difícil da sua existência. Durante este ano multiplicaram-se de tal forma as dificuldades que chegou a surgir a pergunta: «**Merecerá realmente a pena?**». *E esta interrogação não foi uma frase usada para chamar o interesse dos estimados Leitores, mas surgiu realmente a dúvida se mereceria a pena tanto esforço. Foram os nossos amigos e colaboradores, os leitores dedicados, que vieram afirmar que sim, que merecia a pena, insistindo para que «Sempre Pronto» prosseguisse e alguns traduziram esse desejo trazendo-nos ajuda financeira e colaborando doutras formas ao seu alcance. A Campanha de Assinaturas conheceu nesse momento um avanço considerável.*

Marcou-se o fim do ano como data limite para tomar uma decisão acerca do jornal. Temos de corresponder ao interesse dos Leitores e o jornal prosseguirá. Não sabemos se dobrámos o Cabo das Tormentas se o Cabo da Boa Esperança, mas não há dúvida que esta data ficará assinalada na história desta publicação.

Não estão solucionados os problemas com que «Sempre Pronto» se debate. As palavras

Continua na pág. 9

No «rescaldo» dum Centenário excepcional

O Velho do Restelo enganou-se?

Pelo Rev. EDUARDO MOREIRA

Esse «filho fictício» do maior Poeta dos Portugueses, o «Velho do Restelo», que na Epopeia representa uma certa corrente de opinião pública, talvez não tenha errado ao pensar que o *desejo do mando* se incluía no plano movente (confessado ou não ele fosse) da Grande Aventura dos Mares. Será difícil descortinar, nas ordens com que se recrutavam os homens e se equipavam os navios, o motor principal: seria substituir no tráfico das especiarias as repúblicas do Mediterrâneo? O «fazer Cristandade» (na frase de que se serviria mais tarde D. Sebastião, aliás unindo-se a um chefe mouro contra outro, igualmente muçulmano, na aventura de Alcácer-Quibir)? O praticar alto desporto de façanha, como quem vai à Lua? Ou ainda o mover-se pela pura curiosidade científica, que viria a concretizar-se nobremente nos «Colóquios dos Simples e Drogas da Índia», de Garcia de Orta, marcantes do início da Renascença, apadrinhados por Luís de Camões? Honremos os dois amigos, o «cristão velho» e o «cristão novo», porque desse propósito nos ficou tão nobre documento!

Iam frades que, (por descuido...) não levavam a Bíblia (di-lo Camões: Canto I, LXVI); iam pilotos certamente lidos em Salomão Zacuto e Pedro Nunes; e é possível que algum discípulo de João de Santarém e de outros luso-hebreus, economistas que ajudaram alguns reis nossos a atulhar os cofres do Estado. E quantos iriam, avoengos de tantos compatriotas de hoje, desejosos de mandar!

«Ó glória de mandar, ó vã cobiça / que os homens falsamente chamam fama!» (Lus. IV, XCV)

Soube-se depois...

Que gloríola essa, o *mandar!* Ter quem nos obedeça, fazer com que nos obedeçam!

Uma prova concludente da minha asserção é que, chegados à China, observaram os nossos como se vivia, e, não conhecendo a língua do país, concluíram por designar, na que lhes era própria, quem dirigia, regia, regulava, legislava (leis de Confúcio e de Láocio, ou de Buda, eram matéria alheia aos hóspedes da velhíssima civilização) enfim esses que viam na pirâmide social, como «mandarins», porque mandavam. Era tudo! O caso é que trouxemos para a Europa o termo, assim como trouxemos o próprio nome da China, confundindo a dinastia então reinante com o grande «Império do Céu».

Lá por fora não é costume dizê-lo; e vão buscar a origem de mandarim ao sânscrito *mandalin*. Mas foram os Portugueses que deram novo sentido ao termo vindo do latim em segunda ou terceira mão, e o importaram, exportando-o depois. Que sabiam os outros europeus desse Extremo Oriente senão algumas das aventuras pessoais de Marco Polo no chamado Catai? Não foi a Itália de Marco Polo mas o pequeno

Continua na pág. 9

Rosas «Olave Baden-Powell»



10 000 roseiras, denominadas «Olave Baden-Powell» por Harry Wheatcroft, o mundialmente famoso cultor de rosas, vão ser postas à venda exclusivamente pela The Girl Guides Association para reprodução.

Na fotografia, vê-se o célebre floricultor entre duas « fadinhas », durante a conferência de Imprensa em que as novas rosas foram lançadas, mostrando alguns exemplares das belas flores a que foi dado o nome da Chefe Mundial das Guias.



Compromisso de honra de um sacerdote católico

Em 17 de Dezembro último, na secção da Ameixoeira do Grupo n.º 8 dos Escoteiros de Portugal, prestou compromisso de honra como Escoteiro o assistente religioso daquela Secção, o Rev. Padre José Paixão Pereira Damásio, já grande amigo dos escoteiros, que desejou assim concretizar a sua dedicação ao Escotismo prestando pùblicamente o seu compromisso. Ao acto, assistiram, além de Escoteiros, vários amigos daquela Sessão.

Grupo N.º 2

Festa de Natal

No passado dia 31 de Dezembro, o grupo n.º 2 dos Escoteiros de Portugal efectuou a sua tradicional Festa de Natal com uma boa acção colectiva a que se associaram os escoteiros do grupo n.º 100.

Assim, naquele dia, com a sede vistosamente decorada para o efeito, 130 famílias foram contempladas com géneros alimentícios, roupas, calçado e ainda cobertores, dádiva especial daqueles grupos.

Presentes, além das famílias obsequiadas, cerca de quarenta escoteiros de ambos os grupos, familiares e antigos escoteiros que se associaram àquela actividade.

Após a distribuição das ofertas, iniciou-se uma sessão recreativa em que foi aceso um círio comemorativo dos 60 anos do grupo n.º 2, tendo sido entoadas canções e recitativos de Natal e, ainda, dada a classificação de concursos, nomeadamente o de presépios, que aquele grupo levou a efeito.

Seguidamente, vários escoteiros fizeram a Promessa assim como alguns lobitos.

A festa terminou com distribuição de brinquedos e guloseimas às crianças pobres e com um «nariz de folha» extensivo a todos os participantes.

A. I.

Grupo N.º 8

Em 10 de Dezembro passado, realizou-se na sede deste Grupo, na Rua Febo Moniz, uma reunião para encerramento de actividades, tendo sido apresentada uma exposição de trabalhos manuais dos escoteiros, alguns de bom nível artístico. No final, foi servido café e bolos confeccionados pelos escoteiros a todos os presentes, entre os quais se contavam o Chefe do Núcleo B. de Lisboa, sr. Mário L. Leite, que representava a Direcção dos Escoteiros de Portugal, e muitos familiares dos escoteiros.

Fizeram promessa os novos lobitos José Carlos Pereira Gil, Rui Manuel Nunes Pereira, Gabriel Pedro Graça Saragoça, João Paulo da Graça Saragoça, António Simões Delgado e José Manuel Sitério Madeira.

Prestaram também compromisso de honra os novos escoteiros José Manuel Simões Delgado, Artur José Monteiro de Oliveira, Constantino Manuel Sebastião, José Carlos Pires Gil e Rui Manuel Nunes Pereira.

Actividades desportivas

O escoteiro Eurico Gomes Carriço acaba de conquistar o título de Campeão Nacional de Iniciados e Juvenis em luta greco-romana, actividade que pratica no Benfica, sem no entanto descurar os seus deveres profissionais e a sua actividade como escoteiro.

Grupo N.º 19 — Pontinha

Organizada pela Associação Portuguesa de Esperanto, realizou-se nos dias 15 a 17 de Dezembro passado, nas salas da Sociedade de Língua Portuguesa, uma exposição bibliográfica de Esperanto, na qual foi permitida uma secção dedicada aos Escoteiros Esperantistas.

Esta representação foi organizada pelo monitor de Esperanto do Grupo 19 com material escotista e Esperanto-escotista, que foi muito apreciada.

A exposição foi visitada por um numeroso grupo de lobitos, candidatos a um novo curso em organização.

Almoço de confraternização esperantista

O «19» fez-se representar por quatro escoteiros e pelo seu monitor, representante da Skolta Esperantista Ligo (Liga dos Escoteiros Esperantistas), no almoço de confraternização que foi servido em 17 de Dezembro, na Casa da Madeira.

A presença dos escoteiros serviu para dar a conhecer aos esperantistas vindos de todo o país, que os escoteiros se interessam pelo Esperanto, sendo o Grupo 19 o reiniciador desta actividade, a que outros se seguirão certamente. — C.

Grupo N.º 79

B. A. colectiva

Também este grupo, que tem sede no Palácio das Necessidades, em Lisboa, promoveu, no dia 19 de Dezembro, a sua habitual B. A. colectiva de Natal, tendo contemplado algumas famílias pobres do bairro de Alcântara.

Grudo N.º 100

(Divisão Marítima)

O Grupo 100, que acaba de ressurgir do incêndio que lhe destruiu por completo a sede, levou a efeito no dia 31 de Dezembro findo a sua primeira actividade após o infeliz acontecimento, realizando a Boa Acção do Natal, na sua sede provisória, na Calçada da Ajuda, 228.

PARA PONDERAR!

A última ordem de serviço de 1972 do Grupo n.º 8 dos Escoteiros de Portugal abria com significativas palavras, que merecem ser ponderadas não apenas pelos Escoteiros daquela unidade, mas por todos nós, Escoteiros Portugueses, de qualquer grupo, local ou mesmo associação. Por isso as transcrevemos:

«1972 chegou ao seu termo. Novo ano vai começar.

Temos o grato prazer de verificar que o nosso programa foi cumprido na íntegra. Agora, cada um dê balanço ao seu trabalho, durante os 12 meses decorridos, quer como escoteiro, quer como empregado ou estudante.

Aqueles que produziram trabalho válido sentirão, neste momento, o íntimo prazer do dever cumprido. Haverá melhor recompensa, que esse íntimo prazer? No ano que vai começar, adoptemos o lema: MAIS E MELHOR.»

DOMINGO, DIA DE DESCANSO?

A falta de respeito pelo cumprimento da legislação de trabalho, que manda encerrar os estabelecimentos comerciais ao domingo, foi assunto versado nestas colunas há alguns meses. Manifestávamos a esperança de que a liberdade dada ou tolerada aos supermercados para venderem aos domingos não continuaria, pelas razões pertinentes que então expusemos.

O problema atingiu recentemente maior acuidade visto que o comércio retalhista manifestou o seu descontentamento. Esperávamos por isso que finalmente todo o comércio estaria encerrado ao domingo. Parece, porém, que assim não acontece e a tendência, pelo menos a intenção de muitos, é que todos os estabelecimentos estejam abertos enquanto os supermercados estiverem.

Tal solução não é compatível com os interesses do pessoal, especialmente dos mais novos que carecem de tempos livres *para actividades lúdicas e educativas essenciais à sua formação. Estamos, no entanto, convencidos de que finalmente prevalecerá o bom senso e não voltaremos aos tempos em que não havia sequer horário de trabalho.*

Concurso «Sempre Pronto» em crise

Com o número de Novembro do nosso jornal, terminou este interessante concurso promovido pelo Grupo 8, que tinha a finalidade de estimular a leitura de «Sempre Pronto».

A classificação final dos primeiros cinco concorrentes foi a seguinte:

Adelino António Sitério Madeira, 804 pontos; Joaquim Tavares de Oliveira, 759 pontos; João Carlos da Silva Santos, 589 pontos; Jorge Henriques Cardoso de Almeida, 278 pontos, e Vítor Manuel dos Santos Costa, 224 pontos.

Os dois primeiros classificados recebem prémios de 100$00 e 50$00, respectivamente, em compras no Serviço de Material e Uniformes, enquanto o terceiro, porque não era assinante, recebe uma assinatura do «Sempre Pronto». Aos cinco será entregue um exemplar do manual «Mais Além», prémio instituído pelo nosso jornal.

Página do escoteiro

Por motivos alheios à nossa vontade, não foi possível publicar neste número a habitual «Página do Escoteiro».

ANGOLA? PRESENTE!

O GRANDE DESAFIO!

A época que atravessamos é rica em conversas acerca de psicologia. «Golpadas psicológicas» são palavras que entraram na rotina linguística do nosso povo.

Não é nossa intenção falar acerca de psicologia, mas sim, de apontar, o que classificamos (classificação muito pessoal) de uma das maiores «chicotadas psicológicas» que a Direcção da AEP está preparando, ultimando e passando da ideia geral à ideia mais restrita, mais concisa.

Trata-se, nem mais, nem menos, da realização de um dos próximos Acampamentos Nacionais da AEP, em Terras Angolanas.

Será o Grande Desafio que os S. C. da AEP lançarão aos escoteiros metropolitanos, angolanos e moçambicanos. Dizemos o Grande Desafio porque não há dúvida de que, enquanto a uns é facultado conhecerem paragens distantes das suas origens, a outros é confiada uma responsabilidade imensa, a par de uma grande dose de confiança. Os escoteiros angolanos têm pouca, para não dizer nenhuma, prática de grandes acampamentos em que estão presentes centenas de rapazes. Há que estruturar, que organizar, que programar e, antes do mais, formar uma equipa de Dirigentes de Angola para a supervisão de tudo o que se faça para o Nacional de Angola. Quem melhor que os Chefes de Grupo do 36, 39 e 40 para tal equipa coordenadora?

São eles os homens-chave do futuro «Nacional de Angola», sobre quem reunirão os louros e os erros do que se fizer ou não fizer. Vão ser eles a «mola» de toda a máquina que ditará a sorte de tal ideia tão proveitosa para a AEP.

Por que não se começa já a pensar na formação de equipas, para que, quando chegar a altura do Nacional em Angola, possamos apresentar, a todos os que tomarem parte na maior manifestação nacional da AEP, o melhor Nacional até hoje realizado?

Possibilidades não nos faltam, nem nos faltarão certamente. Podem faltar, isso sim, vontades.

Escoteiros da AEP de Angola: vamos tomar uma posição definida em relação ao Nacional?

Os Grupos 36, 39 e 40 estão «Sempre Prontos» a aceitar este repto que os S. C. da AEP lançaram e a tomar parte na actividade que apelidámos de «O Grande Desafio»?

Têm a palavra os Chefes dos Grupos de Angola.

NOTICIÁRIO

LUANDA

O Grupo 36, desta cidade, esteve presente, com todo o seu efectivo, no passado dia 9 de Novembro, na recepção efectuada ao novo Governador-Geral de Angola, Sr. Eng.º Santos e Castro.

Depois da recepção, o Grupo dirigiu-se à sua sede, onde realizou uma reunião extraordinária e de preparação para o fim-de-semana seguinte.

O Grupo 36 realizou um acampamento de fim-de-semana nos dias 4 e 5 de Novembro.

No Fogo de Conselho deste acampamento, realizaram o seu compromisso de honra diversos aspirantes.

Boa jornada de companheirismo e fraternidade, bem como se praticou bom escotismo. Avante... 36...

JARCLOUCO

UMA CAMPANHA EM MARCHA

AINDA NÃO ALCANÇÁMOS O ALVO!



É verdade! Contávamos encerrar esta campanho no fim do ano, mas, embora tenhamos o ALVO À VISTA, ainda, não o alcançámos. Durante este último mês apenas entraram três novas assinaturas, portanto, atingimos 189. Faltam apenas 11 e seria pena se tivéssemos de encerrar a campanha sem registar este tão pequeno número.

Os assinantes registados são todos escoteiros: Carlos Jorge Noysan, do Grupo 23 de Queluz; Rui Fernando Trindade Fonseca, proposto pelo sr. Justino E. Silva; João Carlos da Silva Santos, 3.° classificado no concurso «S. P. em crise» do Grupo 8.

Prezado Leitor: Ajude a terminar a campanha!

ADMINISTRAÇÃO

Os Assinantes que tomam a iniciativa de nos enviar o valor de suas assinaturas prestam-nos um relevante serviço, porque a cobrança pelo correio é muito dispendiosa ainda mesmo quando os recibos não são cobrados, o que felizmente só muito raramente acontece.

Este mês, tiveram a gentileza de nos enviar o valor de suas assinaturas os amigos srs Prof Dr. João Faria Lapa, 100$00 da assinatura de patrocinador; Rev. P Américo F. Alves, de Braga; António Amêndoa, de Alhandra; Manuel Dias dos Santos, de Coimbra, 100$00 como patrocinador; José Manuel Soares de Macedo, de Fall River, U. S A.; Rui Fernando F. Fonseca, de Lisboa; António Miguelote de Castro Monteiro, de Viana do Castelo.

O nosso estimado Amigo e antigo escoteiro do Grupo 1, sr. Dr. Ernesto Moreira, também nos remeteu, por intermédio de seu Pai, o nosso ilustre colaborador sr. Rev. Eduardo Moreira, uma oferta de 300$00.

A todos estes nossos tão dedicados amigos apresentamos o nosso muito agradecimento.

Cumprimentos de Boas-Festas

Muitos Leitores amigos endereçaram o seu cartão de boas-festas a «Sempre Pronto». Gostaríamos de dispor de espaço para transcrever algumas das simpáticas palavras com que fomos distinguidos, especialmente manifestações que se alargam a «toda a família escoteira».

Se algumas mensagens distinguem «Sempre Pronto» e os seus dirigentes com palavras amigas que muito nos sensibilizam, outras, especialmente aquelas que vêm de longe, saúdam todos os Escoteiros Portugueses.

Foram dos seguintes amigos as mensagens recebidas: Srs. Rev. Eduardo Moreira e sua Mulher; Eng.º Nobre Santos, D. Jesuína Aurélio, de Lisboa; António Barbosa, António Luís Guerreiro, Arnaldo Pinto e José Luís Pinto Machado, do Porto; Luís Alves Miguel, da Costa da Caparica; Fernando Neves da Rocha, de Gondomar; António Viegas Custódio, de Carcavelos; António Miguelote Castro Monteiro, de Viana do Castelo; António E. Amêndoa, de Alhandra; José A. Franco Marques, de Queluz; António de Jesus Brito, de Olhão; Manuel Ferreira Valério, do Entroncamento; Leopoldino Rocha Tavares e Jacinto dos Reis Moniz Silva, de Angra do Heroísmo; António Pestana, do Funchal; Sérgio Roque, de Luanda; José D. Camacho, de Moçâmedes; António Augusto da Silva e Cunha, de Pereira de Eça, Angola; Manuel Pacheco, de Quelimane; Reynaldo Galvão, do Rio de Janeiro, Brasil; José Manuel Macedo e família, de Fall River, Estados Unidos.

Sociedade Portuguesa de Espeleologia, Rádio Graça, Cruz & C.ª, Lda.

Consejo Nacional dos Exploradores de España, Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, e dos Grupos n.os 2, 8, 9 e 94 de Lisboa; 4 e 17, do Porto; 22, do Cacém; 60, de Vila Real de Santo António; Grupo 24, do Funchal; 52, de Angra do Heroísmo; 36, de Luanda; 39, de Benguela; grupo da Lusalite, do Dondo, Moçambique.

Também tiveram a gentileza de nos visitar para apresentar cumprimentos e votos de boas-festas os nossos amigos srs. António Francisco Xavier de Brito e Justino Estêvão da Silva.

A todos estes bons amigos agradecemos e retribuímos os votos expressos.

O «Escoteiro é amigo dos animais»

A propósito da distribuição de milho aos pombos pelo Grupo dos Amigos dos Animais e das Plantas, escreve-nos um dos nossos mais dedicados colaboradores a sugerir que os Escoteiros poderiam acompanhar esta actividade, colocando nos lugares próprios ninhos artificiais para as aves, para o que poderiam pedir autorização à Câmara Municipal.

Este acto de carinho para com os animais é muito praticado pela mocidade e particularmente pelos escoteiros na Suíça, onde o nosso colaborador tem visto esses ninhos, acontecendo o mesmo noutros países da Europa.

Aqui fica a sugestão que vai ser certamente aproveitada para uma B. A. especialmente interessante para escoteiros e lobitos.

Filatelia

por MENDES MARQUES

Há muito que não apareço nas colunas do «Sempre Pronto». Múltiplas as razões que estão na sua origem; as mais válidas, talvez, derivadas de certo desencanto pelos problemas filatélicos, atenta a «actuação» nada filatélica de quem, pela sua posição na filatelia, mais deveria servir de exemplo. E foi preciso a passagem de mais um aniversário do jornal para sair da letargia voluntária a que me submetera.

* * *

Hoje vou falar-lhes dum selo que adquiri ùltimamente no estado de usado. Trata-se do selo da Roménia de correio aéreo comemorativo do voo Roma-Berlim, em 1941, no qual foi aposta a vermelho a sobrecarga «1 Mai 1941 Jamborea Nationala».

Consultados todos os catálogos conhecidos, não encontrei qualquer alusão ao referido selo. Como se sabe, e foi já referido nas colunas deste jornal, o escotismo romeno perdeu a sua liberdade em 1936, mantendo-se, embora, até 1939. E se é verdade que não houve escotismo oficial sob o governo de Nagy, como se compreende a referida sobrecarga?

A Roménia, como também já aqui foi dito, foi o maior produtor de selos escotistas nos anos anteriores à 2.ª Grande Guerra, resultado, certamente, da sua expansão e influência na vida da juventude romena. Peter Duck, do SSCC (Scouts Stamps Collectors Club) — que pela primeira vez viu o selo a que me venho referindo, embora já dele tivesse conhecimento —, opina tratar-se duma sobrecarga não oficial. Mais diz ser o selo muito raro.

A ser como Peter Duck afirma, ele que é um especialista em filatelia escotista, dever-se-á concluir que um exemplar usado — prova de que circulou — é bastante mais apreciado do que um exemplar novo.

Pois, se algum dos leitores, mormente os filatelistas, souber e quiser dar algumas achegas para completo esclarecimento, elas serão bem recebidas. Lembro, por exemplo, que algum poderá manter relações de correspondência com filatelistas romenos, os quais poderão dar a solução correcta.

XLVIII Poemeto filatélico

Diante do selo em que se comemora a travessia aérea do Atlântico, em 1922, por Sacadura e Gago Coutinho.

Ao contrário de Balboa,
com poderes de Castela
«conquistando» o Grande Oceano
em clamor que os céus atroa
(mas em simples teoria);
bem como os Lusos de antano,
nossos heróicos avós
em valente companhia
foram em «cascas de noz»
navegando a todo o pano,
em tão frágeis caravelas
dominando outro Oceano
sem receio de procelas,
dois Heróis a História esperava.
Fazem mais do que Balboa
ao voar desde Lisboa.
Novo sextante os guiava,
velho esforço os conduzia.
O Brasil os aguardava,
a Glória os coroaria!

EDUARDO MOREIRA

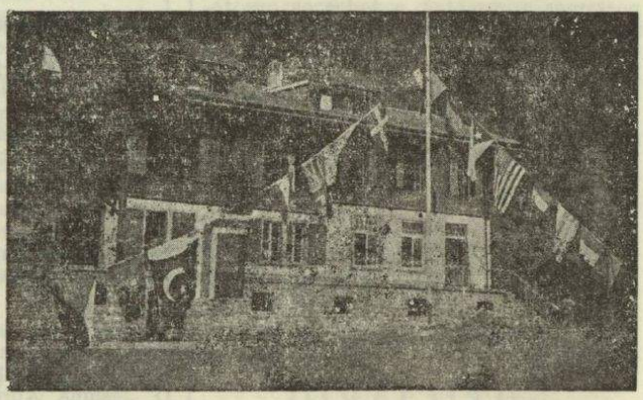
A MORTE COMO ESPECTÁCULO?

O editorial do número de Novembro acerca dos touros de morte mereceu palavras de aplauso de um grande número de leitores, o que faz prova de concordância com a opinião expressa de que «a proibição dos touros de morte em Portugal é uma medida plenamente justificada e que só prestigia o nosso país e defende a saúde moral do povo».

As nossas palavras têm flagrante oportunidade porque os apaixonados de tão detestável espectáculo multiplicam esforços para que lhes seja permitido correr touros de morte. São os saudosistas de coisas ultrapassadas, os mesmos que há meses levaram a sua inconsciência ao ponto de promoverem esperas de touros em plena cidade de Lisboa, de que resultou lamentável desastre que roubou uma vida humana.

A campanha que os *aficionados* desenvolvem destina-se a recolher alguns milhares de assinaturas para apoiarem as suas pretensões. É natural que consigam esses tantos milhares, tantos assinarão apenas para condescender com uma solicitação, mas para além desses dois ou três milhares — se possível — ficará a quase totalidade do bom povo português, sobretudo da juventude, que olha para o futuro e detesta um espectáculo que promove a violência e a crueldade.

O Centro Internacional de Escoteiros, Chalé de Kandersteg, vai comemorar o Jubileu



Um aspecto do Chalé de Kandersteg

Os escoteiros dispõem de uma agradável centro de acolhimento que funciona nas montanhas suíças, em Kandersteg, onde um agradável chalé acolhe os membros do movimento de todos os países. Além das instalações onde se podem dispor de quartos, sala de jantar, duches quentes, existe também um parque para acampamento e uma bela piscina, inaugurada em 1962, com água mantida sempre a uma temperatura de 22° C., sendo a água clorada mudada e filtrada duas vezes por dia. A piscina funciona de meados de Junho a meados de Setembro.

De 22 de Julho a 10 de Agosto deste ano, o Centro vai comemorar o 50.° aniversário da sua fundação. As comemorações realizam-se sob o lema **«A Suíça para si — mas não só queijo e relógios»**. Haverá excursões, desportos, montanhismo, actividades áudio-visuais, fogos de conselho, exposição de selos, teatro, concertos, etc.

Para acolher os participantes, o parque dispõe de aproximadamente 750 lugares e o Chalé 160. O custo por pessoa e por noite é de 10 francos suíços.

De 25 de Fevereiro a 9 de Março próximos, haverá um curso de esqui, cujo custo é de 250 francos suíços, com tudo incluído, mas sem utensílios de patinagem e seguro.

Os Escoteiros interessados em participar nas actividades do jubileu: «JUBIKA 73», deverão pedir informações a Jubika 73, Muenstergasse 42, CH 30 000 — Bern 8.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

O «Pow-Wow» do Velho Lobo

O Escoteiro é Económico

Queixam-se muitos rapazes de que não conseguem juntar dinheiro para as suas necessidades, invejando aqueles que dispõem de fartas «mesadas» que pais ricos — e imprevidentes! — lhes dão. E, no entanto, bem fácil lhes seria ganhar dinheiro antes de estarem empregados, ou arredondarem os seus vencimentos, no caso de já o estarem.

Mas para isso, dir-me-eis, é preciso uma vontade de ferro! Justamente: *uma vontade de ferro!* Sem isso, nada feito. Aprendei a dominar-vos, isto é, ponde a vossa razão a pesar fortemente sobre o vosso subconsciente, quer dizer, o homem *racional* a esmagar o *animal*, e depois vereis que é facílimo ir mais adiante.

Depois, aprendei a aproveitar os ócios não vos deixando cair na ociosidade. Assim: há sempre um camarada de estudos que precisa de explicações, que, no caso dos que têm meios, poderá pagá-las, constituindo um rendimento aceitável, ainda que transitório; certos serviços podem mesmo ser solicitados por anúncio, como traduções ou cópias à máquina, em geral bem remuneradas e que constituem muitas vezes meio eficaz de aperfeiçoar a vossa cultura; os que possuem habilidade, podem fazer desenhos artísticos ou técnicos, ou trabalhos em madeira ou em metal, que poderão vender com proveito...

E isto para me referir apenas a pequenos trabalhos, que podem fàcilmente fazer-se em casa. Porque, se dispuserdes de ferramentas, podeis ir mais longe, fabricando pequenos móveis ou consertando outros, sem grande empate de capital e com evidente proveito no final. E tudo isto o podeis fazer em casa, ou, nos casos que exijam maior número de braços, na sede do vosso grupo, colectivamente por patrulhas no respectivo «antro».

E o dinheiro que obtiverdes com estes trabalhos executados com entusiasmo, ponde-o na Caixa Económica Postal, porque aí o vosso rendimento aumentará, dando-vos assim o gosto de ter sempre alguma coisa «ao canto da gaveta».

Parafraseando B.-P., dir-vos-ei, para concluir, meus rapazes, que procureis poupar os vossos centavos, para poderdes ganhar os escudos. Poupando, ganhareis; ganhando, enriquecereis; enriquecendo, podeis ser úteis a vós e ao vosso próximo, e, assim, continuardes pela vida fora a ser Escoteiros, isto é — HOMENS.

O Velho Lobo Negro do Norte
E. C. D.

IMPRENSA ESCOTISTA

Noticiário 131

Enviado pelo nosso estimado assinante e distinto dirigente escotista brasileiro sr. Kaol Sugimoto, recebemos este boletim informativo, órgão do Grupo de Escoteiros Cotia, de S. Paulo.

Agradecemos a oferta.

O Papa Paulo VI recebeu dirigentes do Escotismo Mundial



Em 25 de Setembro último, Paulo VI recebeu, no Vaticano, em audiência privada, o Embaixador A. C. Delgado, presidente do Conselho Mundial do Escotismo, William D. Campbell, vice-presidente honorário, e vários outros dirigentes do escotismo mundial, que estavam acompanhados das esposas, os quais lhe foram dar conhecimento do desenvolvimento que ùltimamente o nosso movimento tem tido e pedir a cooperação da Igreja Católica para o plano quinquenal e para a expansão do escotismo no Terceiro Mundo.

Sua Santidade, depois de manifestar o seu agrado pela visita dos dirigentes escotistas, afirmou que o nosso movimento, cujo objectivo é de inculcar na juventude o sentido da iniciativa, da confiança em si e o espírito de equipa, é de facto um enorme potencial para fazer triunfar o bem. E continuou: «A vossa responsabilidade como dirigentes do escotismo é de extrema importância, pois que vivemos num mundo em contínua mutação, no qual os homens fàcilmente perdem o sentido destes valores fundamentais, sem o que a vida deixa de ter objectivo. Graças à vossa formação e ao vosso exemplo, milhares de jovens tomam consciência dos seus deveres de seres humanos. O escotismo acabará por fazer com que eles se tornem dirigentes com consciência das suas responsabilidades quanto ao mundo de amanhã. A nossa esperança mais íntima é de que o Movimento Escotista possa continuar a ser uma força dinâmica, um instrumento que contribua para criar um mundo melhor, baseado na amizade e na fraternidade, na justiça e na paz».

Terminou, invocando a bênção de Deus para os trabalhos que vão ser empreendidos dentro do nosso movimento.

Na gravura, vê-se Paulo VI ladeado pelo dirigente escotista A. C. Delgado e esposa, na altura em que lhe ofereceram uma porcelana de Sevres comemorativa do Ano Escotista Europeu da Amizade.

DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

D. Ermelinda Salvado Pena

No dia 24 de Dezembro p. p., faleceu a sr.ª D. Ermelinda Salvado Pena, viúva do sr. Júlio Gomes Pena, mãe da sr.ª D. Júlia Gomes Pena Ribeiro, esposa do nosso Director; e do nosso estimado assinante e antigo escoteiro do Grupo 94 sr. Eduardo Salvado Pena, avó do antigo escoteiro do mesmo grupo sr. José Eduardo Pena Ribeiro e bisavó da fadinha Isabel Maria Saragoça Pena Ribeiro e de Paula Rute Saragoça Pena Ribeiro.

Sempre Pronto manifesta a toda a família enlutada o seu muito pesar.

DOENTES

Foi recentemente submetido a melindrosa operação cirúrgica o nosso amigo e correspondente no Cacém sr. José António F. Marques, escoteiro do Grupo 22, que felizmente se encontra em boa convalescença.

Também o nosso dedicado amigo sr. António Pinto, chefe interino do Grupo 23 de Queluz e antigo escoteiro do grupo 7, esteve doente e retido em casa, mas já se encontra no desempenho da sua actividade.

Fazemos votos pelo completo restabelecimento destes nossos companheiros.

O 28.º ANIVERSÁRIO DE «SEMPRE PRONTO»

Por motivo do nosso aniversário, o nosso solícito e dedicado Delegado nos Açores, E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva, enviou-nos o seguinte telegrama:

Ao completar vigésimo oitavo aniversário saúdo efusivamente nosso jornal desejando continuadas prosperidades e felicidades pessoais para quantos nele trabalham.

a) Jacinto dos Reis Moniz Silva
Delegado nos Açores

É com prazer que agradecemos a saudação de Moniz Silva, prazer redobrado porque o nosso Delegado nos Açores há 28 anos que representa «Sempre Pronto» e vinte e oito anos representa muito de dedicação ao seu jornal.

ENCONTRO DE OPINIÕES

em defesa de um elevado ideal

Teve acentuada repercussão nos meios escotistas a entrevista concedida a «S. P.» pelo antigo dirigente escoteiro Rev. Eduardo Moreira, que foi primeiro secretário da Associação dos Escoteiros de Portugal e mais tarde Comissário Regional do Norte, desde sempre colaborador e grande amigo do nosso jornal.

A firmeza das suas afirmações, a verdade lapidar dos conceitos desenvolvidos e a confiança na juventude que emana contagiante das suas palavras não pôde deixar de impressionar agradàvelmente muitos dos nossos leitores.

Também nós aproveitámos tão preciosa lição e com o respeito devido àquele querido Amigo, fizemos eco de algumas das suas afirmações, lançando com elas um repto a alguns dirigentes e estudiosos amigos do Escotismo, transformando-as no motivo de um encontro de opiniões, no bom estilo de «mesa redonda» na tábua rasa e útil do nosso jornal que, assim, presta mais este serviço à causa do Escotismo, no limiar de mais um ano de luta ao serviço do seu elevado Ideal.

Ainda que apenas escassa percentagem dos convidados tenha acedido a responder ao nosso convite, tivemos o grato prazer de registar algumas valiosas intervenções, às quais não queremos deixar de dar a larga transcrição que merecem. — M. G.

1. **O Escotismo não é um movimento velho mas um movimento permanente.**
2. **O Movimento deu o seu contributo para a educação da nossa juventude... e produziu alguns exemplares de grande valor. Não é um movimento falhado!**
3. **O Escotismo tem uma mensagem múltipla. Apela para o amor completo, desde o amor à Natureza ao amor ao próximo.**
4. **O Escotismo é uma afirmação, mas uma afirmação não estreita.**

EDUARDO MOREIRA

QUEM SÃO OS QUE RESPONDEM AO NOSSO INQUÉRITO

Prof. António Álvaro Dória: — antigo membro da Associação dos Adueiros e dirigente escotista e escoteiro-chefe diplomado. Grande estudioso do escotismo. Colaborador assíduo deste jornal. Professor do ensino secundário, contabilista e escritor.

Luís Manuel Pacheco: — jovem chefe do Agrupamento 196, de Quelimane, do CNE.

José Cristino Cortês: — escoteiro-chefe do Grupo 1, de Lisboa, da AEP.

Melro Negro: — pseudónimo sob que se esconde um conhecido dirigente do CNE, nortenho, antigo colaborador da Página de Escotismo do jornal *Diário do Norte*.

A seguir, publicamos as respostas que recebemos a este encontro de opiniões:

1 Acha que o Escotismo tem evoluído no sentido de continuar a despertar a atenção do jovem? Como interpreta essa evolução (ou não evolução?)

Se compararmos, pelo menos os «velhos» que vivemos a idade heróica do Escotismo, os tempos actuais com os do passado, teremos forçosamente de concluir, por muito que isso nos custe e nos entristeça, que a atenção dos jovens de hoje se tem desviado progressivamente do Escotismo, muitos havendo que nem dele ouviram falar.

Segundo se me afigura, causas múltiplas explicarão esse desinteresse para analisar as quais se tornaria necessário um largo excurso, incompatível com a forçosa brevidade que se impõe a um inquérito desta ordem. Em todo o caso reduzirei ao máximo essas causas, que me parece terem sido: certa má vontade dos Poderes Constituídos quando o nosso Nacionalismo atingiu a sua fase mais aguda, por se considerar o Escotismo movimento de extracção estrangeira e de carácter internacionalista, o que o tornava suspeito a todos aqueles que viviam a euforia do triunfo na hora em que por toda a Europa pululavam os regimes nacionalistas; veio depois a obrigatoriedade da incorporação de todos os jovens em idade escolar na M. P., organização que, em dada altura, foi até beber ao Escotismo algumas das suas bases, em particular no concernente ao uniforme (já antes copiado pelos «balillas» fascistas) e à vida dos acampamentos; o desinteresse dos mais velhos que, ao atingirem certa idade, julgavam incompatíveis as suas actividades profissionais com as de escoteiros, reputadas estas próprias de crianças; finalmente, o novo ângulo de visão do Mundo e da Vida por que a juventude os começou a considerar logo que se iniciaram os movimentos contestatários a traduzirem a revolta, latente ou patente, dos jovens contra uma sociedade estratificada e anquilosada, defendida pelos seus tabus.

No fim de contas, tudo talvez possa resumir-se nesta afirmação: o desinteresse dos jovens resultou principalmente dos que haviam sido escoteiros mas *não viveram* os ideais norteadores do Movimento, esquecendo-os lamentàvelmente uma vez atingida a idade adulta. Esquecidos ou escarnecidos esses ideais (há pouco ainda chasqueados sob o apodo de «moral de Baden-Powell»...), era fatal que os que os esqueceram viessem a demonstrar uma suposta falha do Escotismo entre nós.

A. ÁLVARO DÓRIA

Não há dúvidas de que o Escotismo, na generalidade, tem evoluído,... e muito.

No caso concreto do nosso país, creio, porém, que essa evolução se fez notar apenas nalguns casos isolados.

Acredito que a maioria dos dirigentes portugueses esteja consciente de que essa evolução é necessária (e muito urgente!!!), mas poucos passaram a uma fase executiva.

O Escotismo Português é falho de estruturas que lhe permitam altos e longos voos.

Por isso mesmo — e mantendo-se o statu quo *— dificilmente se processará essa tão desejada e necessária evolução.*

A própria fragmentação (anacrónica e deprimente) que existe no nosso Escotismo, com a existência de várias Associações, elas mesmas com uma grande falta de coesão interna, contribui decididamente para o actual estado do Movimento.

Estou convicto de que a resolução do problema estará numa reestruturação do Movimento a nível nacional.

Da mesma forma, estou crente de que a Federação que se está a planear, embora seja um passo importante, não deverá ser uma meta final — mas sim um meio de a atingir.

Só a fusão das Associações poderá — quanto a mim — constituir o objectivo último da reestruturação que se deseja.

No entanto, o problema só ficará totalmente resolvido quando a nível nacional, e mesmo a nível mais restrito, existirem vários dirigentes profissionais — dedicando-se exclusivamente ao Movimento, coordenando a vida dos grupos, organizando actividades duma certa bitola, estudando a evolução do Movimento dia a dia, *enfim, contribuindo para uma cada vez maior coesão do Escotismo no nosso país e para a sua evolução permanente.*

Noutros países são os chamados dirigentes viajantes. Em Portugal ainda não têm nome, pois não existem.

Acho que é a altura de se ultrapassar preconceitos ridículos e — sem se perder a autonomia, tão preciosa e necessária, do Movimento — criar-se um corpo de dirigentes profissionais para actuar a vários níveis.

Em todo o mundo se despertou há muito tempo para esta necessidade premente do Escotismo.

O facto de existir hoje, como média, um dirigente profissional em cada 2000 escoteiros e 120 dirigentes é bastante significativo. — LUIS PACHECO.

O escotismo, como grande jogo que é, continua a despertar a atenção do jovem ainda não iniciado no grande jogo da Vida dos adultos. E se nem sempre tal sucede, a culpa não será do jogo mas da forma como é jogado e das regras que lhe são impostas. Talvez certos conceitos, como o do uniforme e o da associação unissexuada, devessem ser revistos. — CRISTIANO CORTÊS.

A palavra «crise» está, como todos sabemos, na ordem do dia. Ora, estamos convencidos de que todo este estado de coisas a que se chama crise da juventude, *não é mais do que um esforço viril dos jovens para se libertarem completamente dos condicionalismos da sociedade actual.*

A juventude, saturada do ambiente de hipocrisia e mentira que nos cerca, tem sede de amor, verdade, justiça e paz. E, convencida de que não o consegue pelos meios tradicionais e livre de qualquer apoio, pretende viver no amor puro e simples, à semelhança da personificada e já célebre imagem do Trinitá.

O jovem, ao vir para escoteiro, sonha e espera vir encontrar no Movimento um ambiente de ar livre, sã alegria, aventura, amor, lealdade, camaradagem verdadeira, precisamente o que a juventude de hoje procura para instalar à sua volta um

novo sistema social, razão por que nos convencemos de que o espírito do Escotismo, verdadeiramente vivido e praticado, vem precisamente ao encontro deste ideal da juventude. — MELRO NEGRO.

2 Em que medida entende que o Escotismo tenha influenciado os jovens do seu tempo? Quais os aspectos em que terá influído na sua vida?

Esta pergunta leva-me a retomar o fio da minha resposta à anterior. Continuarei, pois, a referir-me àqueles que, tendo sido um dia escoteiros, uma vez abandonado o Movimento, pretenderam estar já desobrigados de lhe seguirem os princípios. Se houve homens que, exercendo funções relevantes na sociedade, no mundo dos negócios, na indústria, nas Forças Armadas, sempre recordaram e guardaram no coração e na mente aquilo que haviam recebido do Escotismo, infelizmente é longa, muito longa a teoria dos que votaram esses princípios ao esquecimento, numa atitude de suposta superioridade, porque, enquanto militavam nas fileiras escotistas, serviam-se do Escotismo como passatempo quando a rádio era incipiente e nem sequer se sonhava com televisão nem com «conjuntos» musicais em que os jovens se exibissem em atitudes a arremedarem as dos negros americanos das orquestras de «jazz». Acrescia ainda a isto a vaidade, muito infantil, de vestirem um uniforme elegante e vistoso que os fazia destacar no meio em que viviam. De resto, muitas das práticas, tal como B.-P. preconizava, serviam de escape à ânsia de aventura que todo o rapaz, até ao limiar da mocidade, alberga em si, sendo isso um atractivo para a aplicação dos jovens.

Não podemos, contudo, culpar *in limine* esses rapazes se ignoravam o valor da Lei do Escoteiro e o da Promessa, porque aos seus chefes incumbia, exactamente porque o eram, aliar as práticas escotistas aos ensinamentos de ordem moral que derivavam da Lei, quer dizer, por desconhecimento da verdadeira missão do Escoteiro-Chefe, esses chefes demonstravam uma incompetência de que só poderia resultar o fracasso do Movimento. Creio ser este um ponto importantíssimo a assinalar na história do Escotismo português e da sua decadência.

Pessoalmente, se em rapaz como escoteiro apenas me interessava pela «aventura», ao ascender à chefia de um grupo, senti-me, em consciência responsável e, portanto, obrigado a estudar os fundamentos morais do Escotismo e a procurar, assim, atingir os objectivos de B. P. e a vivê-los em extensão e profundidade. Não será vaidade, a que sempre me tenho conservado alheio, confessar que o consegui, porque reconheço, nesta idade em que já me encontro, e que, embora pouco valendo como homem, não seria o que sou se não tivesse passado dez dos melhores anos da minha vida dentro do Movimento. — A. ÁLVARO DÓRIA.

Apesar do estado actual do Movimento no nosso país não ser «brilhante», não tenho dúvidas de que tem sido bastante útil à juventude de hoje, como à de sempre.

Muitos jovens despertam para certos centros de interesse através do Escotismo e muitos descobriram a sua vocação para a actual profissão no Movimento.

Isto, embora de grande interesse, não é, quanto a mim, o mais importante resultado que se colhe.

Estou certo de que muitos jovens encontraram, com base no Escotismo, um Ideal para a vida, uma forte motivação para VIVER num mundo como o actual — paradoxalmente tão terrível e fantástico. Por outro lado terá sido o Escotismo quem deu a conhecer a muitos jovens quão maravilhoso é SERVIR — no sentido mais elevado da palavra.

Por isso — e por tantos outros motivos que nem nas colunas de 10 «Sempre Prontos» caberiam — grito a plenos pulmões, com o Rev. Eduardo Moreira: O ESCOTISMO NÃO É UM MOVIMENTO FALHADO. — LUIS PACHECO.

Nos jovens que foram escoteiros quando a M. P. era obrigatória e monopolizava o tempo dedicado às actividades circum-escolares (para ir a um acampamento de escoteiros era necessário obter dispensa para esse dia, que às vezes não era facultada) criou-se uma personalidade decidida com grande amor pela justiça e liberdade. Das actividades de campo, resultou o gosto de viver ao ar livre e a admiração da natureza. Das reuniões de sede, o sentido de hierarquia e convivência social. Da prática do escotismo em geral, uma série de qualidades positivas, entre as quais se destacam o amor à verdade e o amor ao próximo. Penso que tudo isso terá condicionado o meu comportamento, preparando-me para a vida. — CRISTIANO CORTÊS.

3 Vê no Ideal do Escotismo um valor actual que possa ser aceite pela juventude como uma Mensagem e um Caminho? Sugere algum processo de lhe transmitir (à juventude) essa Mensagem?

Estou absolutamente certo de que o Escotismo pode ser perfeitamente aceite pela juventude, a despeito da profunda modificação operada, particularmente na última década, na mentalidade dos jovens. O ponto está na maneira de abordar o problema com vista à sua aplicação. Nós somos um povo com temperamento *sui generis*, pelo que não é possível, sem risco de fracasso rotundo, procurar aplicar os princípios do Escotismo tal como B.-P. os traçou nos seus livros-mestres *Scouting for Boys, Rovering to Sucess* e *Aids to Scoutmastership*. E o erro de muitos chefes foi, e talvez continue a ser, quererem cingir-se à letra desses livros, esquecidos ou ignorantes da diferente psicologia de jovens ingleses e jovens portugueses, o que demonstra, se vejo bem, o que tantas vezes tenho afirmado neste jornal: a crise do Escotismo português *é sobretudo uma crise de chefes*. Enquanto não se fizer uma selecção rigorosa de Escoteiros-Chefes, dando a preferência, não aos que apenas possuam profundos conhecimentos técnicos, mas aos que forem dotados de elevadas qualidades morais e ainda de intuição psicológica, tudo estará errado e o Escotismo, consequentemente, continuará a estagnar.

Porque se o chefe dum grupo possuir as qualidades assinaladas, saberá em consciência, através dos seus Guias de Patrulha, exercer influência nos seus rapazes levando-os insensivelmente a penetrar na alma do Escotismo, que não é marchar pelas ruas, em tom marcial e de tambor à frente, ou passar os dias nos acampamentos apenas em jogos em atitude de «relaxe» após uma semana de trabalho, porque o Escotismo visa mais alto: reconciliar o Homem consigo mesmo, insuflando-lhe uma consciência moral que lhe dará a dignidade de se sentir Homem e proceder como tal. E no dia em que todos os homens aí tiverem chegado, o Mundo ter-se-á transformado completamente. — A. ÁLVARO DÓRIA.

Ninguém duvidará por certo que o Escotismo em si continua a dizer algo à Juventude.

Não podemos, contudo, ignorar que no nosso Movimento essa mensagem é transmitida aos jovens através das actividades, e que hoje eles requerem uma orientação bem diferente da de há uns anos atrás. Daqui poderemos concluir que só através duma reestruturação de meios se poderá atingir a finalidade do Movimento.

É necessário, não o duvidemos, «agitar» o Escotismo Nacional, «sacudi-lo» fortemente, dando-lhe uma nova dimensão.

Nesta busca de novos caminhos, corre-se, contudo, um grande perigo — o de desprezar os anteriores, muitos deles ainda bastante válidos hoje.

Muitas vezes (e eu começo por dar a mão à palmatória nesse sentido) ao idealizarmos (ou sonharmos!!) actividades mais actuais e vivas para os nossos grupos (que em geral nem se chegam a concretizar) — uma classe de judo, um corpo de paraquedismo, uma equipa de espeleologia, uma patrulha de alpinismo, etc., etc., — esqucemos um pouco outras actividades que, embora não sendo totalmente novas para os rapazes, continuam a ser importantes e úteis no Movimento.

Por incrível que pareça, há muitos grupos onde o campismo está relegado a um plano muito secundário, quando todos sabemos que embora ele não seja um fim, em si, é pelo menos um ponto básico do Escotismo e o grande «trunfo» de qualquer dirigente.

Partindo do princípio de que o Campismo é hoje praticado (nas mais das vezes incorrectamente!!) por muitos indivíduos não escoteiros, conclui-se, por vezes, que se deverá dar-lhe um lugar secundário no Movimento.

Isto é desvirtuar o próprio Escotismo.

É, pois, necessário que a evolução do Movimento em Portugal se processe cautelosa e inteligentemente — sob risco de criarmos um Escotismo fictício.

Não sirva, no entanto, isto de desculpa (pseudojustificação!) para se deixar o Escotismo estagnado. — *LUIS PACHECO.*

É evidente o conteúdo actual da doutrina escotista. Uma fórmula de fazer apreender ao jovem essa mensagem é a de estimular a camaradagem e as actividades de ar livre e os jogos; em suma, a prática do sistema de patrulhas. — CRISTIANO CORTÊS.

O escotismo é jogo sério, de aventura, de saúde, de alegria, de esforço e, como tal, procurado pelo rapaz, e não um jogo preparado para meninos, *para só a meninos convencer. É como jogo sério que ao rapaz devemos apresentar o escotismo, se o queremos* conquistar *realmente.*

Ao jovem de hoje não conseguiremos nós enganar com mentiras camufladas de verdade, porque ele, actual e como mais ou menos elevado grau de inteligência e cultura, não se deixa arrastar por meias verdades. O rapaz não só vê mais que nós, responsáveis pelo movimento, mas até sente a cada passo o que à sua volta decorre num descaro contrário ao «espírito escotista», apesar de o tentarmos (em vão) convencer do contrário.

O escotismo vivido e praticado na sua pureza mais genuína, tal e qual como os jovens de hoje o idealizam, procuram e desejam, é de facto uma afirmação válida e não estreita, onde cabem e têm o seu lugar próprio todos os jovens de Portugal. — MELRO NEGRO.

4 Deve o Escotismo Português caminhar no sentido da unidade das suas Associações ou vê utilidade na separação existente?

Nunca fui partidário da pulverização das associações de Escoteiros em país tão pequeno e, apesar de tudo, ainda hoje tão escassamente povoado. Não me parece

Continua na pág. 10

ESCOTISMO DE EXTENSÃO

«O ESCOTISMO PARA TODOS»

O valor do Escotismo

O movimento escotista foi particularmente poderoso no Paquistão durante muito tempo. Numerosos homens do poder ou que ocupam lugares elevados são antigos escoteiros. Neste país há muitos problemas e um que não é dos menores é o da juventude incapacitada. Em certas regiões, é elevada a percentagem de jovens cegos. Um destes rapazes aprendeu o *braille* e ao mesmo tempo começou a praticar o escotismo. Imediatamente exprimiu o desejo de ser instrutor. A tendência geral foi a de o dissuadir, mas, em face da sua insistência, permitiram-lhe que entrasse numa escola normal. Não só teve grande êxito como estudante, mas foi até dos primeiros classificados da sua escola. Acalentava o desejo de voltar para a sua terra natal e ensinar aí as crianças cegas e organizar, ao mesmo tempo, um grupo de escoteiros cegos. Ao princípio esses rapazes eram numerosos, mas depressa foram formadas as patrulhas. O movimento rotário e outras organizações ouviram falar desta vocação e decidiram oferecer-lhe o seu concurso. A escola e o grupo bem depressa se tornaram florescentes. Após se ter conseguido o material necessário, organizou-se um excelente programa escotista para a escola. Estes rapazes, cegos ou quase, receberam uma educação apropriada e prepararam-se para a vida adulta, o que se lhes teria sido recusado não fora a influência do escotismo. O chefe do grupo foi ele mesmo um magnífico exemplo.

Como pode o escotismo ajudar a resolver o problema social dos jovens incapacitados

(Conclusão do número anterior)

O escotismo não conhece limites nos seus esforços para se colocar ao nível dos rapazes. Onde existe o escotismo, há sempre rapazes para recrutar. Às vezes são necessários os esforços e a cooperação doutras pessoas. Nos países africanos que recentemente chegaram à independência vêem-se exemplos de realizações devidas ao escotismo em matéria de readaptação. A lepra era antigamente um flagelo e os leprosos uns proscritos. Nos Camarões havia uma gafaria chamada Manyemen, onde um médico suíço esteve colocado durante vários anos. Esse médico criou então um grupo de escoteiros que, embora pobre e privado de moderno material, desenvolveu no seio dos seus membros um espírito raramente igualado.

Para os seus lares, suas famílias e o mundo exterior, estes rapazes estavam perdidos. Graças à farmacopeia e terapêutica modernas e também à compaixão, interesse e compreensão com que foram olhados, muitos deles puderam readaptar-se ao ponto de voltarem a ser integrados na sociedade. A estrada era longa e estava deserta. Mas o escotismo, sob a orientação esclarecida do director, deu azo a que esses rapazes, não só reencontrassem a confiança em si próprios e no mundo, mas se reintegrassem na sociedade e aí fossem desempenhar o seu papel.

Os exemplos do que pode fazer o escotismo com os jovens são inumeráveis. Não é possível negar que existam problemas numerosos de ordem sociológica, psicológica e de adaptação, aceitação e de compreensão. Também é indispensável que se entenda que o escotismo, por muito bom que ele seja, não traz a resposta para todos os problemas, não é uma panaceia. Mas milhares de rapazes testemunham que foi a sua experiência escoteira que os ajudou a resolver os problemas da vida, a enfrentar a adversidade e a ocupar o seu lugar na sociedade, não obstante a desvantajosa condição de que sofriam.

G. R. Newby

O CANCIONEIRO ESCOTISTA

Com o pedido de publicação, recebemos a seguinte carta do nosso estimado amigo E. C. João de Miranda Trigueiros, de Olhão:

Prezados Companheiros:

Li, pela primeira vez, o Cancioneiro da A. E. P.

Fiquei muito surpreendido ao ver que me atribuem a autoria da excelente letra da canção Quando a cotovia acorda *para a música do* Yucaidi.

Em tempos que lá vão, de boa disposição e lazeres saborosos, «fabriquei» uns versos para serem cantados com a música do Yucaidi, *intitulados* Montes do Algarve.

Se bem me lembro, esses versos foram publicados no vosso jornal. Nesses versos não há qualquer referência a cotovias.

Pois fiquei muito arreliado, agora, ao ter conhecido o desagradável equívoco dos editores do Cancioneiro, equívoco que perdura desde 1967, ano registado na folha n.º 14 da interessante publicação.

Dizem-me que o autor da bela letra é o Reverendo Eduardo Moreira.

Portanto, o seu a seu dono. Não quero enfeitar-me com penas de cotovia!

Para se conseguir maior divulgação do lamentável equívoco, peço aos companheiros de Sempre Pronto *que publiquem este justo esclarecimento.*

Agradece o

«Sempre pronto a servir»

a) João Trigueiros

Satisfazendo o desejo deste nosso companheiro, convidamos os nossos leitores, que o possam fazer, a esclarecer a todos sobre a identidade do autor dos conhecidos versos escotistas, a fim de ser feita a devida rectificação, caso ainda seja possível e se assim o entenderem.

A VISITA DE MADAME CLAIRE CAZENOVE

Na notícia publicada no número de Outubro último, dissemos que esta dirigente guidista é neta do diplomata francês Émile Daeschynea.

Alguns dos nossos amigos chamam a nossa atenção para o facto de o apelido deste senhor ser realmente Daeschner e não o que foi publicado.

Agradecemos.

Secção Infantil

O que é uma promessa

Se tens sete anos não perceberás a diferença da original palavra *promessa*. Imagina que estás tomando conta de uma criança bastante nova. Talvez lhe tenhas dito: «*Talvez amanhã te traga uma coisa*». Poderás trazer, mas podes não trazer. Mas se eu disser: «*Eu prometo*», ela sabe que amanhã lhe levarei uma coisa.

Algumas promessas são curtas. Talvez já tenhas dito a tua mãe: «*Eu prometo que não mexo na televisão enquanto não estiver arranjada*». A televisão pode ser arranjada uma semana ou duas depois. Então a promessa acaba, mas a promessa do lobito, fadinha, escoteiro ou guia é para uma vida!

Tradução e adaptação
de *Isabel M Pena Ribeiro*
10 anos

Agentes-Correspondentes de «Sempre Pronto»

O nosso mensário dispõe em todo o país de uma cadeia de colaboradores, que nos prestam relevantes serviços e cujos nomes queremos registar neste número de aniversário:

PORTO — Horácio José Paiva, Rua do Almada, 455-A-2.º.

VILA NOVA DE GAIA — Arlindo Guedes Maia, Rua Guilherme Braga, 88-1.º.

ENTRONCAMENTO — Vítor João Vergamota, Bairro Salazar

AZAMBUJA — Amândio Quintino dos Santos.

SINTRA — João Henrique Pereira Soares.

CACEM — José António Franco Marques, Rua da Guiné, n.º 26 — Queluz.

FARO — Manuel José Martins, Rua do Bom João, 11.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — José Manuel Pereira, Rua 3, n.º 20.

FUNCHAL — António Pestana, Rua dos Ferreiros, 151.

AÇORES — DELEGAÇÃO — Jacinto dos Reis Moniz Silva, Chafariz Velho, 8 — Angra do Heroísmo.

Angola

LUANDA — José António Ribeiro e Cunha, Trav. Mota Feio, 18-3.º apt.º A.
BENGUELA — Manuel Nunes Pereira, Caixa Postal 577.
SÁ DA BANDEIRA — Guilherme Artur da Silva de Campos, Caixa Postal 959.

Moçambique

BEIRA — Manuel Rodrigues, Caixa Postal n.º 1745.

Convidamos as unidades escoteiras em todo o País, onde ainda não temos correspondente, a nomearem os seus colaboradores para «Sempre Pronto».

O Velho do Restelo enganou-se?

Continuação da pág. 1

Portugal de então, denominado em chinês *Ta-ssi-Yan Cuó*, o «Grande Império do Ocidente».

Ora se lá havia quem mandasse, queríamos mostrar que por cá mandávamos nós. Entretanto, ao conjugar-se o verbo, o ideal é ficar-se na primeira pessoa, hesitando nas outras. Em qualquer grémio ou comunidade, cidade ou lugarejo, alguém chegado pergunta, ou pelo menos pensa: «quem manda aqui?». No sertão brasileiro (tão nosso!) ouvi bastas vezes a expressão jocosa de «manda-chuva», aplicada a quem exerce a autoridade local. Supremo mando seria...

Tenho de memória uma caricatura de Rafael Bordalo em «O António Maria», na qual Fontes Pereira de Melo (a quem tanto se deveu) e o rei D. Luís discutem. O diálogo é este, recordado ao fim de tantos anos: «Quem manda aqui sou eu!» — «Não é tal, sou eu!» — «Você governa, mas não manda». Há aqui evidentes subtilezas de «mandarofilia», que deixo ao leitor destrinçar. O certo é que se criou desde há muito, para substituir o nome inglês «groom», aliás mal aplicado entre nós, o termo «mandarete», o rapaz dos recados. *Grosso modo* teríamos uma sociedade de mandarins e mandaretes, se...

Afinal na nossa velha civilização tem havido muitos que servem outros, que combinam com outros, que morrem por outros. E muito se fala no «mandar» num misto de depreciação ostensiva — ou de desejo inconfessável: «Se eu mandasse...»

Excelente coisa é combinar, cooperar, trabalhar, servir em comum. (Dá vontade de inventar o verbo *escoteirar*). Excelente coisa atender sugestões alheias, sem procurar impor as nossas, não ficando o «espírito de equipa» reduzido às necessidades dum imperfeito desporto de rivais.

Com imenso prazer lembro os movimentos populares de compaixão nos dramas em que tudo se esquece: ressentimentos, emulações, antipatias, enfim, as queixas mútuas de mandaretes e de mandarins, e a *distância* forçada pelas distinções.

Servir, afinal, é a mais nobre, mais honrosa, mais respeitável função na vida. Quem serve a Nação, em volta do Chefe do Estado (que mais serve do que ordena) chamam-se ministros. Desde remotas eras. Pois bem: ministrar é servir. Quem serve gasta-se. Que no-lo diga Taylor, o teórico das possibilidades da vida profissional. Sabe-se o que o aperto mitral, o enfarte do miocárdio, etc., são a sombra que acompanha a luz de quem serve. Não sei o que o taylorismo atribui aos simples críticos.

Sociedade cristã, como a nossa se diz e deve ser, tem por *Chave* Jesus Cristo, que «veio servir e não ser servido» (S. Mateus 20.28), sendo «obediente até à morte, e morte de cruz» (Aos Filip. 2.8). Médicos há que atribuem o Seu suor de sangue na fronte, a um coração esgotado. Interessante é notar que foi referido sòmente pelo «médico amado», S. Lucas (22.44).

Este ano há, na América do Norte, para mais de cem grupos cristãos, católicos-romanos, reformados, ortodoxos, uma ligação de testemunho evangelizador sob este signo: «Jesus Cristo, a Chave de 73».

Porque não haveremos de os acompanhar? Una-se em Cristo e nas Suas Boas Novas quem é cristão (como queria o bom papa João XXIII). Unamo-nos, os Portugueses, não para mandarem nem para serem mandados (como se dizia nos dias de Camões) (canto X, CLII), mas para servir num ideal comum, belo, fértil, a Pátria.

ESCOTISMO EM QUELUZ

Novos escoteiros do Grupo 23

Esta unidade dos Escoteiros de Portugal, com sede na vila de Queluz, realizou uma festa para receber novos escoteiros. No dia 8 de Dezembro passado, prestaram solene Promessa os aspirantes Carlos Noisan, Hélder Mathiotte, Arlindo Tavares, José do Carmo, Hélder Morais e Eduardo Laranjeira, a quem o Chefe do Grupo recebeu como membros da grande família escoteira.

Os rapazes escoteiros deram largas à sua alegria, entoando canções e lançando os seus gritos, tendo a numerosa assistência apreciado a cerimónia.

Terminou nesse dia a segunda fase do concurso interpatrulhas «Pioneiro 72», tendo sido entregues prémios às patrulhas classificadas, que foram:

«Lobo» — 2 704 pontos;
«Castor» — 2 122 pontos;
«Tigre» — 1 800 pontos.

Depois de alguns meses de inactividade, voltou a funcionar a equipa «Gago Coutinho», que muito tem prestigiado o «23» — *Lobo Matreiro.*

Escoteiros de Portugal

Um Curso para Chefe de Serviços Administrativos promovido pela Chefia Geral

A Chefia Geral, por intermédio da Equipa de Formação e Treino, levou a efeito, nos dias 19 e 26 do mês corrente, um Pequeno Curso destinado aos Chefes de Serviços Administrativos.

O programa abrangia as seguintes matérias:

— A posição do Chefe Administrativo no grupo de escoteiros;
— As funções do Chefe Administrativo;
— Os «papéis» de um grupo de escoteiros;
— As tarefas do Chefe Administrativo nas reuniões;
— Finanças.

NO 28.º ANIVERSÁRIO

Continuação na pág. 1

de ânimo e estímulo, que com tanta simpatia nos foram dedicadas, forçam-nos a prosseguir, mas as dificuldades subsistem. Se as de ordem financeira vão sendo vencidas com a ajuda de bons amigos, as restantes permanecem insolúveis. A execução do jornal exige muito trabalho, tanto na redacção como na administração. Os membros destes serviços estão absorvidos por deveres profissionais e os tempos livres disponíveis são escassos para assegurar uma acção eficiente. Precisamos de mais colaboradores e gostaríamos que jovens escoteiros se apresentassem para servir. A maior dificuldade é ainda o elemento humano. E este só tem duas soluções: Apresentam-se elementos dispostos a colaborar por amor à obra ou «Sempre Pronto» envereda por maior divulgação, dobra mesmo a tiragem, e neste caso poderemos pagar a quem execute pelo menos o absorvente trabalho de secretaria e expedição.

As duas soluções são possíveis. A primeira exige apenas meia dúzia de boas vontades; a segunda requer que cada Leitor amigo aceite o problema como pessoalmente seu e se transforme num colaborador activo, disposto a aumentar o número de assinantes. Se isso acontecer, o Cabo das Tormentas transformar-se-á em Cabo da Boa Esperança.

De qualquer forma, porém, «Sempre Pronto» tem de entrar numa nova fase de trabalho para subsistir. Precisamos de publicar mais páginas e para isso temos de aumentar o número de assinantes. Não podemos continuar numa situação apagada. É imperioso que «Sempre Pronto» aumente de interesse e isso é trabalho que exige colaboração intensa. No início de um Novo Ano lançamos especial apelo a todos os nossos Amigos para que estabeleçam um plano de apoio ao seu jornal. Precisamos de ter um órgão de imprensa que seja autêntico arauto do Escotismo Português, sem preocupações de quaisquer barreiras associativas ou não. «Sempre Pronto» tem de realizar autêntica obra educativa através do Escotismo e esse programa merece — deve merecer — apoio de todos os que alguma vez envergaram o uniforme dos cavaleiros da lis.

*

Não queremos terminar sem uma justa palavra de gratidão para os nossos colaboradores e correspondentes, que tão dedicamente nos apoiam. Entre os colaboradores, sem que isso signifique menor apreço para os restantes, queremos destacar os srs. Rev. Eduardo Moreira e Professor António Álvaro Dória, que nos dão assídua e valiosa cooperação. Neles saudamos todos os que nos acompanham nesta tarefa. Entre os correspondentes, também destacamos o nosso Delegado nos Açores, sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, que desde a primeira hora nos representa na sua região, onde contamos um bom número de leitores.

Os nossos estimados assinantes foram de uma benevolência e de uma generosidade no pagamento de suas assinaturas em atraso, que muito nos sensibilizou. Foram todas estas circunstâncias que nos levaram a concluir que «merece a pena».

O Grupo n.º 16 numa Reunião da Junta de Freguesia

No passado dia 16 de Dezembro a Junta de Freguesia de Carcavelos promoveu uma reunião com as diversas colectividades locais para estudar problemas inerentes ao desenvolvimento daquela freguesia.

Ao grupo n.º 16 dos Escoteiros de Portugal coube representar o sector educativo da freguesia, o que honra o escotismo naquele local.

ENCONTRO DE OPINIÕES

Continuação da pág. 7

que a religião possa constituir causa que obrigue à existência de uma associação confessional, seja de católicos, de protestantes, de muçulmanos, de budistas ou de *tutti quanti*. Toda a religião tem como base um código moral, e até hoje ainda ninguém demonstrou que qualquer desses códigos implicasse uma modificação, por leve que fosse, nos princípios do Escotismo. Dentro da A. E. P. cabem todos os credos, todas as raças, todas as gentes, tal como o tem demonstrado exuberantemente a *Boy-Scouts' Association*. Se, por exemplo, no campo do Desporto a separação de associações é útil porque a emulação é normalmente factor construtivo, dentro do Escotismo tal separação só pode contribuir para o enfraquecimento, originando até rivalidades que não podem nem devem existir porque a Obra de B.-P. assenta essencialmente no *fair-play*.

A. ALVARO DÓRIA
(E. C. D.)

Tenho tido ùltimamente como objectivo muito especial da minha vida escotista — principalmente em relação ao Ultramar — denunciar o anacronismo que representa a existência duma Associação Católica no nosso país em plena década 70 do século XX.

Creio que em Portugal as condições sócio-religiosas existentes não são em nada semelhantes às de outros países (casos da França e Bélgica, por exemplo) em que existem Associações Católicas.

Ainda recentemente — quando da realização do IV Acampamento Regional do Norte, em Quelimane — numa reunião, em que estavam representadas todas *as Regiões e Agrupamentos isolados, um sacerdote afirmou que não existia neste Estado senão um escotismo católico de fachada.*

Alguém desafiou mesmo que se indicasse um só *Agrupamento em todo Moçambique em que se praticasse verdadeiro escotismo católico. NINGUÉM SE MANIFESTOU!!*

Com toda a sinceridade, e pelo conhecimento que tenho do Escotismo no Estado de Moçambique, não me surpreendi!

Que cada um tire as suas conclusões do que acabo de descrever!

Não nos interessa aqui e agora averiguar se a formação do CNE se justificou ou não. Importa é verificar se hoje é lógica e útil a sua existência.

Ainda que concordasse (o que não é o caso!) que o Escotismo Católico na época em que apareceu, dadas as condições sócio-político-religiosas, tivesse razão para ter surgido, não posso concordar que continue a existir.

Como disse o Rev. Eduardo Moreira: «*O Escotismo era ecuménico* avant la lettre, *mas houve quem não entendesse.*»

Acho que esta frase sintetiza o pensamento de muitos dirigentes do nosso país.

Entende que, neste aspecto, a minha opinião não é «suspeita», na medida em que eu próprio pertenço ainda ao CNE.

É necessário dialogar-se em todo o Espaço Nacional, a todos os níveis, sobre este assunto — mas sem nos esquecermos, um minuto que seja, do 2.º artigo da lei do escoteiro.

Em Moçambique e Angola o diálogo está aberto há alguns meses e com os melhores resultados.

Só o tempo nos dirá o que se conseguirá.

Uma certeza tenho, contudo: que só havendo um espírito aberto, muito amor aos jovens e grande honestidade ao passar-se à ACÇÃO se poderá caminhar para a meta final — A FUSÃO DAS ASSOCIAÇÕES ESCOTISTAS NUMA SÓ.

Um sonho? Deixem-me pensar que não!!! — LUIS PACHECO.

Não faz sentido na época actual continuarmos com duas associações de escoteiros em Portugal, tanto mais que o CNE já não adopta uma posição sectária e aceita indivíduos doutras crenças religiosas. Corre-se o risco de perder a representatividade em relação à União Mundial. — CRISTIANO CORTÊS.

Estamos e ficamos sèriamente convencidos de que o escotismo português poderá servir os anseios da maior parte da nossa juventude, mas só a partir do momento em que seja vivido na sua plenitude indivisível, de modo a não haver mais em Portugal escoteiros e escutas, mas pura e sòmente Escoteiros Portugueses.

Cremos sinceramente de que este é o primeiro e principal passo para a resolução de muitos dos nossos problemas escotistas, para estarmos afinal preparados para plenamente recebermos os jovens de hoje.

Já não optamos pela tão discutida Federação, mas queremos pura e simplesmente a existência em Portugal duma única e larga Associação escoteira, onde se congreguem todos os Escoteiros Portugueses, quer sejam católicos, maometanos ou evangelistas. Só assim conseguiremos acabar de vez com as permanentes e irritantes divisões de ideologias, que não têm, nem podem vir a ter, lugar no escotismo puro.

O escotismo é completamente alheio a partidarismos políticos ou religiosos. — MELRO NEGRO.

Porque os temas postos se revestem do maior interesse para o momento presente do Escotismo em Portugal, contamos poder publicar no próximo número mais algumas opiniões recebidas.

Entretanto, convidamos todos os nossos leitores a remeterem-nos igualmente as suas opiniões, alargando assim o âmbito deste Encontro.

Jornada Escotista «Luís Simões Aurélio»

Deve-se a lapso da reportagem que publicámos desta actividade escotista a troca havida entre as 2.ª e 3.ª patrulhas classificadas. Efectivamente, foi a patrulha Búfalo do Grupo de 16, de Carcavelos, que ocupou a 2.ª posição, pertencendo à Patrulha Falcão do Grupo 60 do CNE, de Óbidos, o 3.º lugar.

Fica assim desfeito o engano, com o nosso pedido de desculpas.

Jornais escotistas do Brasil

«O GUIA»

Recebemos o número 9, 10 e 11 do nosso colega brasileiro «O Guia», publicado pelo 86.º grupo de Escoteiros David Barros, do Rio de Janeiro.

Como acontece com «Sempre Pronto», também «O Guia» é um órgão aberto a todos os credos e dirigido em grande parte a antigos escoteiros e a pessoas simpatizantes do movimento.

O seu conteúdo, especialmente o inserido neste número, é de molde a agradar a todos, quer sejam ou não escoteiros, pois tem interessantíssima e bem elaborada matéria, entre a qual destacamos uma biografia do Prémio Nobel da Paz, Dr. Alberto SCHWEITZER, a quem «Sempre Pronto» dedicou alguns números, na altura do falecimento.

Dentro do espírito do patrono do grupo, David Barros, que foi também grande amigo e colaborador de «Sempre Pronto», «O Guia» mantém grande amizade para com o nosso país e, assim dedica algumas colunas aos grupos n.os 2 e 8 dos Escoteiros de Portugal e ainda ao agrupamento n.º 52 do C. N. E.

Agradecemos a gentileza da adaptação do nosso artigo sobre o falecimento do Duque de Windsor e também as referências ao 14.º Jambori no Ar.

Já que estamos falando de «O Guia», gostaríamos de lançar uma sugestão aos simpáticos dirigentes daquele nosso colega: não será possível o uso de maior número de subtítulos e até de outros corpos de letras, assim como o de mais fotografias ou gravuras de molde a tornar mais rápida a identificação dos assuntos contidos no jornal?

Cremos que a rapaziada gosta de encontrar logo à primeira aquilo que lhe interessa mais.

Verificámos, também, que «O Guia» se debate com falta de apoio financeiro e que poderá, por esse motivo, encerrar a sua publicação.

Cremos que tal não acontecerá. O escotismo brasileiro é um escotismo de vanguarda e daqui lançamos o nosso apelo a todos os brasileiros que são ESCOTEIROS para que colaborem com tão simpático órgão escotista.

E para finalizar um pequeno reparo: «Sempre Pronto» não é órgão oficial da A. E. P., muito embora comungue dos seus princípios, os de um escotismo aberto, como «O Guia» nos tem apresentado aos seus leitores. É propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista.

A Redacção

IMPRENSA ESCOTEIRA

«ENCONTRO»

O activo agrupamento n.º 52 do C. N. E., com sede em Santarém, acaba de publicar o n.º 4 do seu Boletim copiografado. As suas pequenas oito páginas lêem-se com muito agrado porque são inspiradoras.

«A GRALHA»

Recebemos a visita do n.º 3 de «A GRALHA», de Setembro de 1972, boletim publicado pelo 44.º Grupo Escoteiro Tupinambás, de Erechim — RS, Brasil. Gratos pela visita.



Grupo N.º 60 — Vila Real de Santo António

A sede deste grupo passou por importantes obras de restauração, a inauguração das quais foi assinalada por uma exposição de fotografias e selos escoteiros, realizada durante a quadra festiva do Natal e do Ano Novo.

A frontaria da sede estava festivamente iluminada e no interior podia admirar-se um artístico presépio.

Grupo N.º 77 — Faro

O 44.º aniversário deste grupo foi festivamente celebrado no dia 17 de Dezembro findo com uma sessão solene no salão de festas da Sociedade Artística e Recreativa Farense, em que estiveram presentes, além dos elementos do grupo e de escoteiros doutras unidades escotistas, muitos amigos e antigos escoteiros, assim como entidades oficiais, entre as quais se destacava o Governador Civil de Faro, sr. Eng.º Lopes Serra.

Do programa, constava uma palestra dedicada aos pais dos escoteiros, sob o tema *«Porque é que o seu filho se encontra no Escotismo?»*

Vários aspirantes proferiram o compromisso de honra e foram impostas estrelas de antiguidade, insígnias de classe e de guia de patrulha e condecorações que distinguem serviços prestados ao escotismo.

Houve ainda uma demonstração de provas escotistas, após o que foram executadas canções e recitativos.

Do Entroncamento

GRUPO N.º 84

FESTA DE NATAL

Este grupo passou mais um Natal, efectuando uma reunião dos seus elementos nos dias 16 e 17 de Dezembro p. p. No dia 16, realizou-se um jogo nocturno interpatrulhas, de que saiu vencedora a Patrulha Galo.

No dia 17, os escoteiros assistiram à missa paroquial e, na parte da tarde, tiveram uma reunião de convívio na sede, durante a qual foram entregues os prémios do jogo nocturno à Patrulha Galo, das canções à Patrulha Leão e do presépio à Patrulha Águia.

As avezinhas e aquelás também construíram um presépio, o qual, porém, não participou no concurso «O Melhor Presépio».

NOITE DE NATAL

A pedido do Sr. Pároco, os escoteiros arranjaram a fogueira paroquial e alimentaram-na das 22 à 1 ½ horas da noite de Natal, o que permitiu que os paroquianos, antes e depois da missa do galo, se pudessem aquecer. Outros escoteiros prestaram serviço durante a missa. A colaboração deste grupo mereceu do sr. P.e João palavras de agradecimento. — *Vítor Vergamota.*

OS ESCOTEIROS PORTUGUESES NO XV JAMBORI NO AR

Continuação na pág. 12

Funchal (g. diversos), Lisboa (3 c/ g. 1, 2, 7 e 23), Lourenço Marques (4 c/ g. CNE 18, 167 e 168, Aga Kan e C.ª guias), Luanda (2 c/ g. CNE), Malange (2 c/ g. CNE 271), Nampula (g. CNE 246), Nova Lisboa (g. CNE 156), Ponta Delgada (3 c/ g. 80 e CNE 107), Porto (g. 4, 15 e 17) e Vila Teixeira da Silva (g. CNE 152): *Estrangeiro:* Brasil (43), República Dominicana e Uruguai. Total: 76 contactos.

Do posto CR6ML: Beira (2 c/ C.ª guias e g. CNE 155), Cartaxo (g. CNE 52), Dondo (Moç.) (2 c/ g. Lusalite e 29), Évora (g. CNE 37), Figueira da Foz (g. CNE 235), Funchal (g. 24), Inhambane (g. CNE 203), Lisboa (g. 23), Lourenço Marques (3 c/ g. CNE 167, 168 e 180), Nampula (3 c/ g. CNE 246), Porto (g. 4, 15 e 17) e Salazar (Moç.) (g. CNE 18). *Estrangeiro:* Austrália, Brasil (5), Itália (2) e União da África do Sul (2). Total: 28 contactos.

Do posto CR6OY: Beira (C.ª guias), Dondo (Moç.) (2 c/ g. Lusalite e 29), Lourenço Marques (9 c/ g. CNE 17, 21, 73, 88, 167 e 168, Aga Kan e C.ª guias), e Nampula (2 c/ g. CNE 246). *Estrangeiro:* União da África do Sul. Total: 15 contactos.

Do posto CR6NB: Beira (g. CNE 18), Dondo (Moç.) (g. Lusalite), Lourenço Marques (2 c/ g. CNE 11 e 168), e Nova Lisboa (g. CNE 156). Total: 5 contactos.

Do posto CR6QE: Beira (g. CNE 155 e C.ª guias), Dondo (Moç.) (g. Lusalite) Lourenço Marques (4 c/ g. CNE 18, 167 e 168 e C.ª guias 10), Nova Lisboa (2 c/ g. CNE 156), e Salazar (Moç.) (g. CNE 18). *Estrangeiro:* Brasil (3). Total: 12 contactos.

Do posto CR6HT: Beira (C.ª guias 2), Inhambane (g. CNE 203), Lourenço Marques (3 c/ g. CNE 18 e 167 e C.ª guias 10), Malange (g. CNE 271), Nampula (2 c/ g. CNE 246), Nova Lisboa (g. CNE 156), Ponta Delgala (g. 80 e CNE 107) e Salazar (Moç.) (g. CNE 18). *Estrangeiro:* Brasil (12). Total: 23 contactos.

Embora já tenhamos em nosso poder mais relatórios doutros grupos, por absoluta falta de espaço não os publicamos neste mês, mas sim no próximo número.



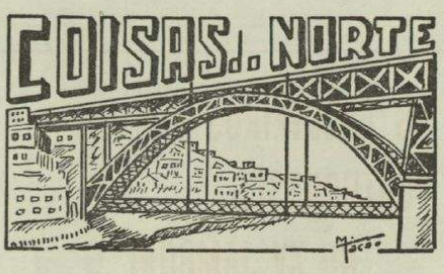
Ernesto de Sousa

Já quando o nosso jornal se encontrava quase composto, chegou-nos a notícia do falecimento do nosso estimado companheiro Ernesto Martins de Sousa, ocorrido em 20 do corrente, na sua residência em Rio de Mouro, depois de prolongada doença.

Ernesto de Sousa foi um notável dirigente escotista, a quem se deve, em grande parte, o notável período do início da vida do Grupo 1.

No próximo número dedicaremos a este infausto acontecimento a atenção que realmente merece.

À família enlutada, todos os que trabalham no SEMPRE PRONTO manifestam o seu muito pesar.



O Agrupamento 228 do C. N. E. da Região do Porto promoveu uma Boa Acção Colectiva

Uma deputação dos escutas do «228» deslocou-se nas vésperas do Natal, na companhia do chefe sr. Vasconcelos e Silva, à Associação Protectora da Infância, no Largo 1.º de Dezembro, onde fez entrega à sua directora, sr.ª D. Júlia Câmara Pereira, de brinquedos para as cinquenta crianças protegidas por aquela Instituição. Foram os próprios escutas que se quotizaram entre si para realizar os fundos para a sua B. A.

Os escutas foram ainda lançar milho aos pombos da Avenida dos Aliados e oferecer tabaco e livros aos doentes internados no Hospital Militar Regional.

Escotismo em Angola

GRUPO N.º 36 — DIOGO CÃO

Esta tão antiga unidade dos Escoteiros de Portugal, em Luanda, tem agora a sua Direcção assim constituída:

Presidente, Dr. Mário Alexandrino da Silva; Vice-presidente, Manuel Mendes Martins; Tesoureiro, Manuel Félix Teixeira de Azevedo; 1.º Secretário, Vítor Manuel Ferreira Mendes; 2.º Secretário, Manuel Galego Coelho Orvalho; Médico, Dr. Camacho Baião.

Novos Chefes

Chefe Auxiliar Administrativo, Manuel F. Teixeira de Azevedo; Chefe Auxiliar Administrativo e representante dos pais dos escoteiros, Vítor Ferreira Mendes; Chefe Auxiliar Administrativo, Manuel Galego C. Orvalho; Aníbal Albuquerque Moreira e Armindo Albuquerque Moreira, chefe e chefe-ajudante de tribo; D. Maria Manuela Camacho Baião e D. Filomena Maria Lopes Andrade, ambas subchefes de alcateia.

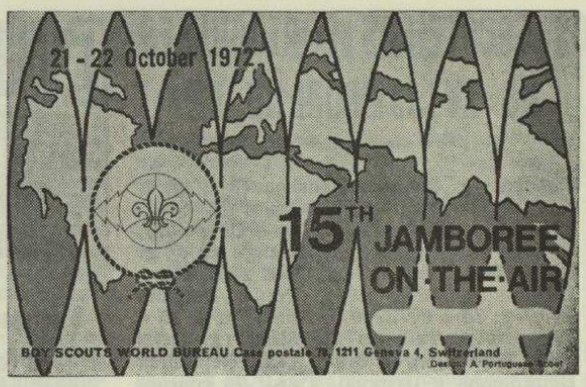
Louvores

A chefe de Alcateia sr.ª D. Maria Carolina Brito Sá, que pediu a demissão do seu cargo por motivos profissionais, foi louvada pelo espírito de sacrifício e entusiasmo que pôs no desempenho do seu cargo.

Em viagem para a Metrópole

A bordo do «Infante D. Henrique», partiram em 22 de Dezembro em viagem para o Continente os escoteiros Carlindo Mesquita Moreira, Aníbal e Armindo Albuquerque Moreira. — *C.*

OS ESCOTEIROS PORTUGUESES NO XV JAMBORI NO AR



O Director Administrativo do Conselho Mundial do Escotismo mostra-se òptimamente impressionado com o Relatório do XIV JOTA, elaborado pela Organização Nacional. E refere: «*Estou convencido de que o meu caro amigo* — diz ele, dirigindo-se ao E. C. Justino Estêvão da Silva — *ultrapassou-se este ano a si próprio e só desejaria ter possibilidade de imprimir todo o seu relatório e enviar exemplares aos restantes organizadores nacionais para que alguns pudessem ver como é*».

L. F. Jarrett, depois de tecer ainda outras elogiosas considerações sobre o relatório, termina, enviando parabéns e agradecimentos para todos aqueles que, com a sua participação, contribuíram para que o JOTA 762 atingisse o êxito já verificado nas anteriores edições.

Desnecessário é aludir quanto são honrosas estas demonstrações de apreço, proferidas por um altamente cotado dirigente escotista mundial.

Resumos de relatórios

Eis os resumos dalguns relatórios em nosso poder:

Grupo 52 (Angra do Heroísmo)

Mais uma vez o distinto radiamador sr. Vítor José Pamplona Ramos mostrou a sua hospitalidade, abrindo as suas portas aos escoteiros deste grupo para tomarem parte neste JOTA. E apesar do seu posto CT2AP, funcionando durante o Jambori com o indicativo CT2AEP, não se encontrar nas melhores condições, foram feitos 130 contactos, o que é mesmo muito bom. Eis o resumo dos contactos obtidos:

Aldeia Formosa (Guiné), Benguela (g. 39), Faro (g. 6, 60 e 77), Funchal (3 c/ g. 24 e CNE 88), Lisboa (2 cont.), Luanda (esc. marítimos), Oeiras (g. 12 e 16), Ponta Delgada (2 c/ g. 80 e CNE117), Porto (3 c/ g. 4, 15 e 17 e CNE 67) e Queluz (2 c/ g. 14 e 22). *Estrangeiro:* Alemanha (12), Austrália (4), Áustria (2), Bélgica (2), Brasil (16), Canadá (4), Checoslováquia, Dinamarca (3), Espanha (3), Escócia (5), EUA, França (4), Gibraltar, Grécia, Holanda (5), ilhas do Pacífico, Inglaterra (24), Irlanda (2), Irlanda do Norte (3), Itália (8), Jugoslávia, Luxemburgo (3), Noruega (4), Suíça e URSS (2).

Bom conjunto de resultados. Atente-se nos vários contactos com as longínquas terras do Pacífico.

Postos da base americana das Lajes

Os escoteiros americanos da base americana das Lajes também estiveram no XV JOTA, com quatro postos, tendo feito os seguintes contactos:

Do posto CT2AZ, do radiamador J. Ritzen: Aldeia Formosa (Guiné), Évora (g. CNE 37), Funchal (g. CNE 88) e Porto. *Estrangeiro:* Alemanha (2), Áustria, Escócia ,EUA (7), Holanda (2), Inglaterra (7), Irlanda, Itália, Luxemburgo, Noruega (2), Suíça (3), URSS e Vaticano. Total: 34 contactos.

Do posto CT2BD, do radiamador R. Humphrey: *Estrangeiro:* Escócia (2), EUA (3), Holanda, Inglaterra (6), Irlanda, Irlanda do Norte e Luxemburgo. Total: 15 contactos.

Do posto CT2BH, de R. Arland: *Estrangeiro:* Alemanha e EUA. Total: 2 contactos.

Grupo 24 (Funchal)

Este grupo esteve *no ar* por intermédio dos postos CT3AN e CT3AX, respectivamente dos radiamadores srs. Dr. Luís Brito Gomes e P.e Manuel Sancho de Freitas, postos que trabalharam no JOTA sob os indicativos CT3AEP e CT3JAM, também respectivamente.

Contactos obtidos:

Do posto CT3-AEP:

Angra do Heroísmo (2 c/ g. 52 e CNE 154), Benguela (5 c/ g. 39), Dondo (Moç.) (2 c/ g. Lusalite e 29), Faro (g. 6, 60 e 77), Lobito (g. 40), Lourenço Marques (g. CNE 167), Matosinhos (3 c/ g. 4, 15 e 17), Nampula (g. Mouz. Albuquerque), Nova Lisboa (g. CNE 156), Vale de Canas (Coimbra) e 2 postos não identificados de Moçambique. *Estrangeiro:* Brasil (6), Holanda e Panamá. Total: 28 contactos.

Do posto CT3JAM: 3 contactos com Lisboa (g. 7 e CNE 71). *Estrangeiro:* Espanha. Total: 4 contactos.

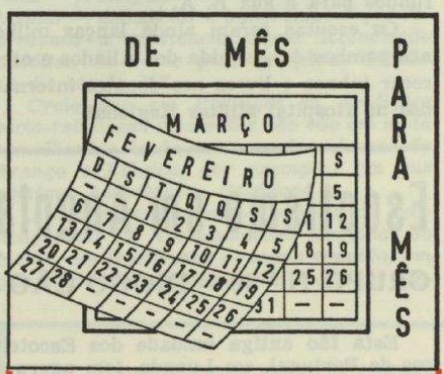
Junta Regional do CNE de Nova Lisboa

Os grupos da região de Nova Lisboa estiveram particularmente activos neste Jambori, para o que contaram com os dedicados radiamadores dos postos CR6MJ, CR6LJ, CR6QE, CR6NB, CR6OY e CR6HT. Interferiram os agrupamentos 156, 176 e 177 de Nova Lisboa e 352 de Vila Teixeira da Silva. Apesar de a participação destes grupos ter sido muito boa, há desejo de que no ano presente ela ainda atinja um nível melhor, pensando-se organizar um concurso com prémios. Bom espírito escotista o revelado pelos rapazes de Nova Lisboa que é necessário não deixar esfriar.

Eis os resultados obtidos:

Do posto CR6MJ: Beira (3 c/ g. 29, CNE 155 e guias), Carcavelos (g. 12 e 16), Cascais (g. 21), Coimbra (2 c/ g. CNE 109 e 162), Dondo (Moç.) (2 c/ g. Lusalite), Elvas (g. CNE 158), Évora (g. CNE 37), Figueira da Foz (g. CNE 235),

Continua na pág. 11



TEMPO PARA PLANEJAR!



Já o Eclesiastes afirmava que «tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu». Há tempo próprio para tudo e oportunidade para fazer todas as coisas. Pois nós estamos no princípio de um Novo Ano e este é o tempo próprio para fazer planos, para estabelecer programas de trabalho e de acção para as nossas vidas pessoais e para a vida das nossas instituições. Os planos devem ser feitos com plena consciência das nossas possibilidades, das oportunidades que o meio e o momento nos oferecem, de forma que o programa estabelecido seja objectivo para que determinemos a nós próprios a firme disposição de os realizar, como imperativo a que nos obrigamos.

A Chefia-Geral dos Escoteiros de Portugal resolveu também aproveitar este início de ano para estabelecer um programa de actividades para o ano 60.º da Associação. Saudemos esta iniciativa com entusiasmo dando-lhe toda a colaboração e tudo façamos a fim de que o plano estabelecido seja válido para que possa ser posto em execução. Um programa adoptado deve obrigar todos os que nele participam a realizá-lo com determinação de alcançar pleno êxito. Deverá ser um programa para todos, a executar por todos. E feito o plano é deitar mãos à obra!

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director, Editor e Administrador — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00